

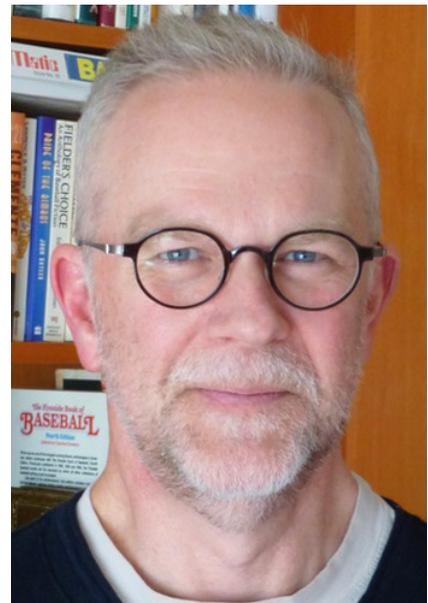
Entrevista

Por Luis Fernando Cerri, Maria Aparecida Lima dos Santos e Juliana Alves de Andrade.

E. Wayne Ross organizou uma coletânea, juntamente com Sebastián Plá, sobre o ensino de Estudos Sociais na América Latina, resultante da compreensão de que o Sul Global está rapidamente mudando de papel nas diversas esferas da vida contemporânea, e entre elas, o debate sobre o ensino e a aprendizagem de disciplinas como a História¹. Em 2022, abriu os trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, organizado pela Associação Brasileira de Ensino de História e realizado na UFRPE, refletindo sobre os impactos das políticas neoliberais sobre o ensino da História e demais ciências humanas e sociais². Nesta entrevista, realizada por videoconferência em 14 de julho de 2024, três dirigentes da entidade conversaram com o professor sobre suas experiências de resistir cívica e profissionalmente aos avanços do militarismo, da perspectiva empresarial e do reacionarismo na educação, temas que são mais antigos lá do que aqui, o que resultou num profícuo debate que pode ser conferido a seguir.

Entrevista com prof. Wayne Ross

Luis Fernando Cerri (L.F.C): É um prazer ter todo mundo aqui nessa entrevista com o professor Wayne Ross da Universidade da Colúmbia Britânica. Eu vou fazer uma breve apresentação e aí nós vamos passar diretamente para as perguntas. Nós estamos aqui em 3 membros da Associação Brasileira de Ensino de História, eu sou o prof. Luis Cerri, sou ex-presidente da ABEH. Estamos também com a prof. Maria Lima que é a atual presidente da Associação Brasileira de Ensino de História e que é prof. da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e também com a prof. Juliana Andrade que já foi da diretoria da Associação e que é professora atualmente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Então essa vai ser a nossa equipe de perguntadores e nós estamos também com perguntas que foram feitas por outros associados no grupo de WhatsApp chamado Conselhão da ABEH. E. Wayne Ross é Professor no Departamento de Currículo e Pedagogia e codiretor do Instituto de Estudos Críticos da Educação na Universidade da Colúmbia Britânica em Vancouver, no Canadá.



Prof. Wayne Ross

¹ ROSS, E.W.; PLÁ, S. Social studies education in Latin America: critical perspectives from the global south, ed.1. Nova Iorque: Routledge, 2022.

² ROSS, E.W. Desafios e possibilidades para a educação histórica em um mundo neoliberal. In: CERRI, L.F.; ANDRADE, J.A. Os presentes do ensino de História: (re)construção em novas bases. Recife: ABEH; Ed. Universitária UFRPE, 2023. Disponível em www.abeh.org.br.

Antes de se juntar ao corpo docente a UBC em 2004, foi Distinguished University Scholar e Presidente do Departamento de Ensino e Aprendizagem da Universidade de Louisville. Também ensinou Estudos Curriculares e Ensino de Estudos Sociais como membro do corpo docente da Universidade Estadual de Nova York nos campi de Albany e Binghamton, e na Universidade Estadual de Ohio. Foi professor visitante na Universidade de Victoria, na Universidade de Lewis e, nos anos 90, na Universidade de British Columbia. Ross obteve o seu doutoramento em Currículo e Desenvolvimento Instrucional na Universidade Estadual de Ohio, onde escreveu sua dissertação sobre socialização profissional de professores secundários de Estudos Sociais. Obteve uma licenciatura em Educação e um mestrado em Ensino (História) na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Começou a sua carreira na educação como funcionário de uma creche na Carolina do Norte e depois como professor secundário de Estudos Sociais em Atlanta, Geórgia.

O professor Ross publicou mais de 20 livros e mais de 200 artigos, capítulos de livros, ensaios e resenhas sobre estudos curriculares, educação em Estudos Sociais, formação de professores e pedagogia crítica. Interessa-se pela influência dos contextos sociais e institucionais na prática dos professores, bem como pelo papel do currículo e do ensino na construção de uma sociedade democrática face aos impulsos antidemocráticos da ganância, do individualismo e da intolerância. Nos últimos anos, tem analisado a influência dos movimentos das normas educativas e dos testes de alto risco no currículo e no ensino. Ross é cofundador do *Rouge Forum*, um grupo de educadores, pais, estudantes e ativistas comunitários que lutam por uma sociedade democrática. O *Rouge Forum* organiza uma conferência nacional anual e vários encontros regionais sobre um vasto leque de questões de educação para a justiça social, incluindo: educação democrática, letramento crítico, resistência à educação estandardizada e aos e aos testes padronizados de larga escala reforma da educação corporativa educação inclusiva, educação antirracista comercialização das escolas guerra e militarização das escolas. Ross já foi o nosso conferencista do Encontro de Pesquisadores do Ensino de História na Universidade Federal

Rural de Pernambuco, evento que foi coordenado pela professora Juliana. Muito obrigado professor Ross por estar conosco.

E. Wayne Ross (E.W.R): Muito obrigado por me receber, eu fico muito satisfeito em participar dessa conversa. E eu fiquei muito contente em participar da conferência e do livro, no encontro organizado pela Associação.

L.F.C.: A primeira pergunta é como se deu a sua opção por estudar o ensino das Ciências Sociais? Fale-nos um pouco sobre a relação entre a sua trajetória pessoal e profissional. Enfim, como era o Wayne estudante?

E.W.R.: Eu estudei... quando eu vim para a universidade eu era um estudante quieto de Psicologia, como muitos dos calouros em Psicologia são, mas eu acabei também estudando Ciências Sociais e História em particular, e me graduei na verdade em ensino de Ciências Sociais, ou ensino de Estu-

dos Sociais, como é chamado nos Estados Unidos. Eu não me via me tornando um historiador acadêmico, e por isso escolhi o campo do ensino. Meu orientador, quando eu era graduando, me incentivou a ir para a pós-graduação, e aí eu descobri a Teoria Social Crítica, perspectivas críticas nas Ciências Sociais, eu acabei lidando com isso, e sempre pensei que iria voltar para ensinar no ensino médio, o que eu fiz nos Estados Unidos, mas de modo a pagar os meus débitos com a universidade. Em termos das minhas conexões pessoais, minhas conexões pessoais/profissionais, há duas coisas profundas de fato, que eu acho que realmente moldaram minha vida profissional relacionada de perto com a minha vida pessoal.

A primeira: eu cresci no Sul dos Estados Unidos, nos anos 1960 e 70. Mesmo que a segregação racial, particularmente em escolas, fosse supostamente uma realidade, de acordo com o caso Brown versus

Board of Education, a famosa decisão de dessegregação da Suprema Corte dos Estados Unidos, minha vida cotidiana na Carolina do Sul e na Carolina do Norte como jovem foi marcada por severa segregação racial em escolas, transporte público, em qualquer aspecto da vida. E essas coisas, eu acho, tiveram um profundo efeito em mim, particularmente quando eu me tornei um adolescente. Eu fui um atleta muito entusiasmado, ainda que não tão talentoso, e eu lia as biografias, as histórias das vidas de muitos dos meus ídolos do esporte, que eram que eram principalmente africano-americanos Mohamed Ali, Kareem Abdul-Jabar, Hank Aaron, ou seja, um boxeador, um jogador de basquete e um jogador de beisebol, e ler suas histórias de vida ilustrou para mim, quer dizer, na época eu não tinha palavras para o que a supremacia branca significava. Eu acho que essa foi realmente uma expe-

riência realmente profunda, como adolescente.

A outra coisa, que trouxe, que as-sentou a base para a perspectiva de justiça social no meu mundo, a outra experiência pessoal que eu tive que me afetou profundamente, foi que eu fui criado em um ambiente cristão evangélico. Meu pai foi um ministro pentecostal, e eu cresci na igreja, literalmente morando ao lado da igreja, numa casa paroquial. Assim foi minha experiência com autoridade fundamentalista e controle da vida diária, embora eu fosse um cristão bastante sério quando jovem, mas quando eu cresci e passei a pensar sobre várias questões sociais, eu acho que essa experiência me preparou para desenvolver uma perspectiva antiautoritária, afetada por concepções do que a verdade e o conhecimento e o sentido da educação efetivamente são. E em termos de mim mesmo como estudante - essa é uma boa pergunta! - eu fui para o ensino médio, para a escola secundária no início dos anos 1970, e eu adorei! Foi uma época de liberdade para professores e estudantes para explorar ideias, era um tempo em que a contracultura havia crescido e se destacado, e era OK fazer perguntas você era encorajado a fazer perguntas e a buscar qualquer interesse que você tivesse, realmente. Então, a minha experiência no ensino médio foi muito diferente da experiência da maioria dos estudantes no ensino médio na América do Norte hoje.

Eu gosto de esportes, eu gosto do aspecto social. E eu diria que eu tipo equilibrei isso com a curiosidade acadêmica, eu era um estudante bastante bom mas eu não era o melhor da classe. Meus pais de fato me encorajavam - apesar daquele ambiente cristão - eles realmente me encorajam a buscar e conseguir tanta formação

quanto possível. Uma das coisas realmente importantes na minha experiência com os meus pais era que eles não eram obcecados com as minhas notas, eles estavam mais interessados no conteúdo do que eu estava aprendendo, e nós tínhamos muitas conversas. Eu adotei essa abordagem. Então eu acho que eu não estava brigando por notas tanto quanto eu estava sendo curioso, fazendo perguntas e buscando por conversações, e enfim eu acho que foi isso que me levou para a vida acadêmica.

L.F.C.: Bom, agora nós estamos indo para segunda pergunta, e eu vou fazer uma pequena apresentação da pessoa que a elaborou e aí então vamos para a pergunta e para sua resposta. As próximas duas perguntas foram elaboradas pelo prof. Júlio César Virgínio da Costa da Universidade Federal de Minas Gerais, onde ele atua no Centro Pedagógico no programa Promestre da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Todas elas são referentes ao texto da conferência de abertura do XIII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História que aconteceu em Recife em 2023, intitulado "Desafios e possibilidades para a educação histórica em um mundo neoliberal". Diante da degradação das experiências democráticas na atualidade, como muda a importância da educação histórica nas escolas da educação básica?

E.W.R.: Sim, esta degradação das experiências democráticas na vida cotidiana, e eu penso que está também ligada às experiências que os Estudantes têm em escolas hoje, e eu penso mais do que nunca nós precisamos de uma educação em todos os níveis, incluindo escolas primárias, que foquem menos na transmissão de conteúdo factual ou pensamento social hegemônico ou moralida-

des sociais, e mais em oportunidades para os estudantes se verem como criadores de conhecimento em sua experiência de vida cotidiana eles criem conhecimento que eles venham porta adentro com informação, conhecimento e experiências que são importantes eu realmente acredito que o modo pelo qual nós entendemos o mundo é determinado por uma combinação de coisas. Primeiro que tudo, o que mundo é e o que somos e como fazemos nossas perguntas. Então se nós queremos, particularmente na educação primária para estudantes que começam a construir entendimentos do que o mundo é quem eles são, nós precisamos ajudá-los a se situar dentro do processo de construção do conhecimento.

Isso na verdade se aplica a estudantes e a professores porque, quando os professores e estudantes se colocam fora do processo de construção do conhecimento, eles se situam como recipientes passivos dum currículo pré-embalado, talvez do que o livro didático diz, mas também eles são recipientes passivos de construtos sociais maiores que governam nossas vidas, e o mais importante para mim é a noção de democracia. De modo que quando nós temos esse aprendizado espectador, que é como eu descreveria o aprendizado passivo no qual os aprendizes são espectadores no processo, apenas recipientes que alimentam uma concepção de democracia que também é uma democracia de espectador, então aprendizado espectador e cidadania espectadora estão relacionadas entre si.

Eu penso que as escolas, ao focar os estudantes fora do processo de construção do conhecimento, na verdade contribuem para uma noção de democracia espectadora, e só para elaborar um pouco mais esta noção, eu estou fortemente

influenciado pela crítica de Noam Chomsky que em particular. Ele fala sobre democracia espectral ao caracterizar nossa noção de democracias liberais ocidentais, em que há classes de especialistas que assumem o que eles entendem que são os interesses comuns dos demais. Então eles pensam e planejam de acordo e isso deixa as expectativas das pessoas fora da esfera política, tornando-os meros espectadores do processo político pelo menos a maior parte do tempo.

A agência individual na arena política então é reduzida simplesmente a escolher em quem votar agora. Isso não significa que não existam erupções de interesse coletivo e nós podemos falar sobre elas depois, mas eu acredito que quando nós pensamos sobre a importância da educação histórica em escolas primárias ou mesmo em escolas secundárias, o elemento-chave é conseguir fazer que os estudantes se vejam como criadores de conhecimento em interação com e em conversação com o conteúdo que eles estão lendo e as conversas que eles estão tendo com seus estudantes. Eu penso que essa é a questão chave que a educação histórica tem a oferecer.

L.F.C.: OK. A próxima questão também feita pelo prof. Júlio e ele pergunta da seguinte maneira: professor, o senhor afirma que "A desconexão entre a retórica e a realidade da democracia (e igualdade, justiça, direitos, etc.) é um desafio direto à forma como conceituamos e ensinamos a cidadania democrática." Como as ideias fascistas e as *fake news* impactam esse quadro problemático? Pode a educação histórica se inserir na perspectiva a contrapelo? Teríamos algum poder argumentativo contra - ele faz a brincadeira aqui - as redes antissociais?

E.W.R.: Sim, nós temos. Penso que podemos ter poder argumentativo contra as mídias antissociais. Isso não significa que nós vamos superá-las, mas eu penso que isso é algo que nós temos que ver como parte do que estamos falando, tanto como educadores históricos como educadores em geral. Essas são realmente excelentes questões e pode-se argumentar que historicamente, bem como ideologicamente, e na prática, o que nós chamamos de democracia liberal ocidental teve uma associação muito próxima com o fascismo inicialmente. Eu penso que isso pode ser contraintuitivo, mas na fala que fiz para a Associação Brasileira de Ensino de História e no capítulo que eu escrevi para o livro a partir da conferência (eu vou retomar rapidamente parte do meu argumento lá): se você olha o trabalho de filósofos e cientistas políticos como Giorgio Agamben e Karl Korsch, é claro que eles estão escrevendo em momentos diferentes do século 20, mas ambos descrevem um relacionamento muito íntimo entre o que nós entendemos que é a democracia e o fascismo. Claro, um dos mais antigos pensadores sobre a democracia foi Platão, e ele não tinha coisas muito boas para dizer sobre a democracia, mas ele mais ou menos previu algumas das coisas que nós vemos hoje. Platão previu que deixar as pessoas governarem a si mesmas poderia eventualmente conduzir as massas a apoiar o governo dos tiranos, e você sabe, eu poderia dizer que isso é algo que nós vimos ao redor do mundo em anos recentes. Agora, Agamben aponta que a democracia de fato depende ou é definida por essa ambiguidade, no modo que a palavra democracia, por um lado, é a palavra que usamos ao descrever o poder do Povo. Mas a palavra é também usada, o conceito é também usado como uma forma

de governo, uma forma por meio da qual o qual o poder é legitimado e exercido. Então é assim que podemos ter esses acontecimentos aparentemente confusos em que o governo diz que está protegendo a democracia ao suprimir o consenso popular. Quer dizer, parece uma contradição: se a democracia é o governo do Povo, porque o governo tem que suprimir a expressão, porque o governo tem que aprovar leis que controlam as vidas das pessoas, por que nós temos um sistema de mídia que suprime ideias divergentes das ideias da classe governante? Agamben indica isso. Mas a democracia num sentido amplo carrega consigo a luta de bioclasses e ela frequentemente irrompe. Provavelmente, os melhores exemplos disso são crise a de migração de refugiados em andamento ao redor do mundo e, eu argumentaria que as circunstâncias atuais na Palestina também refletem isso, que temos essas irrupções de luta de bioclasses. E para a maior parte das pessoas, democracia significa uma democracia nacional, com democracia representativa, partidos políticos e eleições que estão enraizadas no Estado-nação, mas essas autoproclamadas democracias também têm políticas e políticas que são racistas, classistas, sexistas, heteronormativas, elas são opressivas em termos de políticas em torno da de segurança nacional, e nós testemunhamos por anos a violência estatal contra cidadãos, brutais desigualdades de renda, regimes de fronteira, governos exercendo controle sobre o corpo das mulheres, recuando em liberdade civis... e tudo isso acontece no que são consideradas democracias normais, democracias perfeitamente aceitáveis. Karl Korsch tem uma visão um pouco diferente, similar, mas diferente de Agamben. Não havia diferença essencial entre o que ele

chama de democracia burguesa e o fascismo. Na verdade ele disse que havia uma conexão interna, e que a democracia burguesa tem dimensões inerentemente fascistas e a ideia de defesa da Democracia contra governos autoritários realmente não parece funcionar, e na verdade nunca funcionou. Isso pode ser visto em tantos exemplos recentes Trump nos Estados Unidos, Bolsonaro, Duterte, Marcos, Orbán na Hungria, Meloni na Itália, Netanyahu em Israel, (quase) Kast no Chile, as recentes vitórias dos partidos de extrema-direita na Europa, os quais ou são fascistas ou pelo menos neofascistas. Fascismo, quero dizer, é toda uma outra conversa. Eu estou usando a palavra fascismo e provavelmente algumas pessoas prefeririam que eu usasse a palavra neofascismo, mas eu penso que são fascistas, autoritários, são os resultados que são produzidos pelo que vemos como democracias ocidentais liberais. Eu acredito que educação histórica tem um papel no exame crítico das autoproclamadas democracias e como elas surgiram, como elas existem, como elas agem em políticas que elas encaminham, e a exposição e a análise das contradições internas da democracia liberal. E encorajando - temos um papel como educadores históricos - encorajando a reconceitualização da democracia ao fazer perguntas difíceis, eu penso que educar para a democracia nos tempos contemporâneos de fato não pode ser feito sem engajamento nessas complexidades e contradições. Sobre dar algumas chaves, eu não tenho uma resposta, mas eu tenho algumas questões para nós como cientistas sociais e educadores históricos. As políticas populares democráticas podem ser criadas sem sucumbir ao neoliberalismo ou ao populismo autoritário? E como abordamos isso? É uma tarefa enorme. Eu penso que essas

são as conversas que precisamos ter. Não há respostas fáceis sobre isso.

Juliana Andrade (J.A.): Oi professor Ross, um prazer conhecê-lo. Esta questão que eu formulei foram baseadas na sua pesquisa. Nesses 30 anos de pesquisa sobre o ensino de Ciências Sociais, e por uma sociedade mais justa e democrática, como o senhor vê o papel do ensino das Ciências Sociais em tempos que a gente chama de capitaloceno?

E.W.R.: Obrigado, um prazer conhecê-la também. Eu penso que é claro que há diversos papéis que o ensino da Ciências Sociais assume, e claro, eles são contraditórios, muitos deles. Em um sentido muito amplo em muitas, eu penso, muitas aplicações, eu penso que de certa forma retorna para a para a segunda pergunta, mas eu vejo que nós, professores de História e Ciências Sociais, nós deveríamos apoiar os estudantes para desenvolver compreensões pessoalmente significativas do mundo. Isso pode ser algo como uma ideia problemática, no sentido que quando você ensina deste modo, você está tentando ajudar estudantes a criar o que tem sentido para eles. E nós deveríamos pensar que esses sentidos precisam ser corrigidos ou eles têm falhas em si, e isso provavelmente é verdade, mas eu penso que se nós pudermos ensinar Estudos Sociais e História de modos que permitam aos estudantes ver a relevância dos seus próprios entendimentos, e do modo pelo qual eles produzem sentido sobre o mundo, então nós podemos ajudá-los e apoiá-los na construção de questões sobre sistemas de dominação que afetam a vida cotidiana, incluindo coisas como capitalismo, supremacia branca, patriarcado, heteronormatividade.

Estes são os sistemas que não são sempre reconhecidos e eles estão profundamente embutidos no currículo escolar, estão profundamente embutidos no discurso público, então, de certo modo, o que temos que fazer é ajudar estudantes a ser criadores de conhecimento, nós temos que ajudar a construir compreensões significativas, mas nós também temos que trazer o que eu chamaria de crítica ideológica, não de um modo dogmático, mas de modo que lhes permita ver, permita aos nossos estudantes ver que as ideologias existem e particularmente as que são dominantes e hegemônicas dentro da sociedade e que moldam nossos entendimentos de como as coisas são ou como elas deveriam ser. E frequentemente essas ideologias hegemônicas são invisíveis.

Eu fiz essa pergunta aos estudantes e eu penso que essa é uma questão pedagógica realmente boa: por que as coisas são como são? Por que as coisas são como são? Fazer essa pergunta é promover uma investigação e uma análise do presente, mas também uma concepção histórica em que o passado contribui para o presente que temos hoje. Se conseguimos que os estudantes comecem a pensar dessas formas e também a pensar em um senso orientado de futuro que deveria ser "por que as coisas são como são e como deveriam ser", essas são, pedagogicamente, boas questões para apoiar a disrupção das ideologias hegemônicas que funcionam e moldam o mundo. De modo que muitas vezes as pessoas veem o capitalismo como natural, o capitalismo é simplesmente natural e esse é o jeito que o mundo é, em vez das construções normativas que são. Claro, como professores, somos ensinados e nos dizem que devemos ser neutros e não se pode ser neutro e fazer perguntas como essas como se pudéssemos

ser objetivos. Mas nós não podemos ser neutros quando fazemos perguntas como essas: "por que as coisas são como são e como deveriam ser" os coloca num processo normativo, em um contexto normativo.

Eu gostaria de dar um pequeno exemplo que eu também uso com estudantes para tentar ilustrar a invisibilidade das ideologias hegemônicas e que é uma parábola que foi recontada por um escritor, David Foster Wallace, quando ele fez um discurso de graduação cerca de 20 anos atrás numa faculdade dos Estados Unidos. Ele recontou essa velha parábola que é ou menos assim: havia dois peixes jovens nadando e acontece de eles encontrarem um peixe mais velho indo na direção contrária, e o peixe velho diz para os peixes jovens: Bom dia rapazes, Como está a água? então os dois peixes jovens simplesmente continuam nadando e um pouquinho depois eventualmente olha para o outro e diz: "que diabos é água?" E o ponto, claro, é que as realidades mais óbvias e importantes são frequentemente aquelas que são mais difíceis para nós de ver e falar sobre, então, o valor da Educação não é somente não é meramente o conhecimento que é transmitido ou criado, mas há também a importância da consciência e eu compreendo isso. Vou concordar com o psicólogo cognitivo Jerome Bruner, que diz que a consciência não é tudo, mas sem consciência ocorre a morte mental e moral. Então, para mim, fazer visíveis as ideologias que conformam e controlam muito das nossas vidas sociais e os modos pelos quais nós criamos compreensões do mundo é realmente uma chave para professores de História e Ciências Sociais em tempos quando capitalismo, ou a versão do capitalismo que nós chamamos de neoliberalismo, realmente domina e molda

o modo que nós realmente vemos o mundo.

J.A.: Dentro desse contexto, professor Ross, o senhor acredita que, no ensino de Ciências Sociais ainda se tem espaço para o debate sobre lutas de classes? Esse tema ainda é importante para ser discutido em sala de aula? Como o senhor vê isso?

E.W.R.: Nós temos que criar o espaço. Nós temos que criar espaço para isso, sim, há espaço para a luta de classes no ensino de Ciências Sociais, eu penso. Muitas pessoas dirão que não há. Por causa do controle do currículo, do controle governamental do currículo, as expectativas do público. Mas isso remete exatamente ao que eu estava dizendo: nós temos que fazer esse espaço nós temos que criar lugar para a luta de classes e muitas outras ideias que a classe dominante preferiria que não fossem consideradas. Isso inclui coisas que eu mencionei, supremacia branca, patriarcado, heteronormatividade... Uma das coisas, penso eu, que são proeminentes nas escolas, escolas canadenses em particular agora, é a luta para incluir sexualidade, saúde, diversidade sexual e orientação de gênero na sala de aula, dentro do conjunto de experiências escolares. E se você observar as pessoas, o amplo conjunto de pessoas diversas, *queer*, trans o amplo conjunto de pessoas que não cabem na caixinha da heterossexualidade, e querer acabar com a orientação de gênero, essa é uma luta política que requer clareza, clareza política, e requer organização e ação. E eu penso que e eu penso que em termos de luta de classes, eu não separaria isso da luta por liberdade sexual e muitas outras lutas que estão aí, e eu penso que nós precisamos disso em particular.

Desde o pensamento sobre luta de classes em sentido econômico,

que está firmemente relacionado com a luta pelo que - eu não tenho sequer palavra - para a democracia real ou o poder do povo no sentido marxiano, no sentido de que nós não estejamos onde a vida cotidiana das pessoas é governada pela financeirização da economia, que nós temos uma economia real. Então se você olhar de perto para o ensino da democracia e participação política, vai ver que as concepções de aprendizado e democracias como essas... Isso é um pouco repetir o que eu já disse antes: considerar os estudantes como passivos, a cidadania democrática como um projeto de espectador e tudo isso resulta em um *status quo* de desigualdades sociais, políticas e econômicas. Mas ensinar de um modo que centre a luta de classes, a resistência ao capitalismo e outras visões de mundo derivadas geralmente coloca o professor em situações perigosas. Então, nós precisamos estar conscientes disso, é por isso que a coragem, a clareza e a organização para ensinar contra a corrente são necessárias. Mas, sabe, um bom começo para essa forma de ensinar é... iniciar os estudantes numa vida social que é característica da democracia como o poder do povo, e isso significa uma comunidade de participação plena. E se nós começamos com uma comunidade de participação plena e nós fazemos este tipo de perguntas sobre as quais eu estava falando antes, porque nós pensamos e por que as coisas são como são e como deveriam ser, eu acredito que nós podemos começar a criar aquele tipo e espaço dinâmico para a luta de classes estar no centro do que nós fazemos no ensino de Ciências Sociais.

J.A.: Como o senhor tem visto esse movimento neoliberal de dominação dos corpos partir da chamada educação socioemocional? Esse é o projeto mais eficaz do neoliberalismo?

lismo de romper definitivamente com a possibilidade da escola formar cidadãos críticos, mobilizados e participativos?

E.W.R.: Essa é uma observação e uma pergunta realmente interessantes. Eu penso que nós podemos ligar isso com os modos invisíveis pelos quais o neoliberalismo funciona e como nós literalmente incorporamos isso. O neoliberalismo nega a sociedade, nega os interesses coletivos e constrói essa imagem do mundo que é de indivíduos autônomos desconectados que tem que se autorregular. Então os problemas que os indivíduos experimentam nos são apresentados como resultado de escolhas individuais e... e sob o risco de me repetir, essa é uma negação do quadro maior da existência desse sistema de dominação como o capitalismo, a supremacia branca, patriarcado etc. E nós podemos ver como isso é incorporado no que muitas pessoas chamam de autoquantificação, que temos que operar em nossas vidas em relação a um quadro neoliberal. Vou dar um exemplo, um exemplo pessoal que talvez seja um pouco distante da educação sócio-emocional mas é mais ou menos o mesmo, eu acho, tem as mesmas qualidades. Eu tenho sido um corredor a vida toda, um maratonista, e... então eu tenho um relógio com GPS sabe, que eu uso quando saio para correr e ele me diz qual é a minha frequência cardíaca como ... sabe... me dá informação sobre meu ritmo, o comprimento de cada passada, além de me dizer quão longe eu corro, com que velocidade etc. Ele coloca todas essas coisas em gráficos e me dá uma imagem do quanto eu deveria estar me esforçando, o que eu deveria estar fazendo, e eu acho essa informação útil, mas isso cria uma situação tal que, quando a bateria acaba enquanto eu estou correndo, ou se eu saio

correr e esqueço de colocar o relógio, muitas vezes eu tenho essa experiência de pensar que talvez aquela experiência que eu acabei de ter não aconteceu, ela não conta, porque eu não tenho a informação que eu pensei que iria ter e que eu esperava gerar. E me parece que coisas como a educação socioemocional podem operar de modo similar, similaridade que é baseada nesse controle fazendo-nos pensar como indivíduos que temos que estruturar nossas vidas em relação a alguns dados ou uma imagem do que é um bom corredor, um bom estudante, um bom ser humano.

Essa imagem que estamos tentando atingir. É como, de muitas formas, é como nós estamos testemunhando a ascensão do neoliberalismo que produziu essas tendências de homogeneização assimilacionista que afetam o aprendizado e o ensino. Elas afetam nossa pesquisa e nossa vida diária, elas afetam profundamente a característica do nosso cotidiano, e novamente, na maior parte do tempo eu acho que essas formas de estruturas individualizadas de compreensão do mundo nos distanciam de um senso de participação e mobilização crítico de nós mesmos como cidadãos, mas também coletivamente, do que nós somos coletivamente, e traça um círculo muito pequeno ao nosso redor. Nos faz pensar que, se nós estamos tendo problemas ou se nós estamos experimentando dificuldades, elas resultam de um déficit dentro de nós e não têm relação com o mundo mais amplo. Este é um princípio que nós precisamos romper.

Eu acredito filosoficamente que tal sociedade, que há uma sociedade em que temos interesses coletivos e partilhados para além do individual. Isso está no coração de tantos aspectos da nossa vida co-

tidiana, e em tempos neoliberais, a educação socioemocional, creio eu, é um exemplo de uma ideia, uma ideia famosa que está inserida dentro do currículo, e que apenas não houve a crítica disso. Não o nível de crítica que eu penso que devemos ter. Esse é um exemplo entre muitos outros.

J.A.: Como a disciplina de Estudos Sociais pode ajudar as crianças e os jovens a projetarem outros futuros em alternativa ao projeto de futuro proposto pelo neoliberalismo?

E.W.R.: Sim esta é uma boa questão e é boa para dar sequência às duas questões anteriores. Eu acredito que o objetivo da educação em geral não deveria ser meramente a preparação para a vida. O que eu de fato digo para muitos dos meus estudantes, para os meus estudantes de graduação, é que nós não deveríamos estar tentando mostrar a vida para as pessoas, não deveria ser sobre mostrar a vida para as pessoas, nós precisamos trazê-los para a vida de modo que o objetivo, o nosso objetivo pedagógico deveria ser conseguir que os estudantes fizessem por si mesmos - ou pelo menos tentar falar por si mesmos e alcançar um nível de igualdade na participação e na aprendizagem na vida. Acho que essa é realmente a única maneira pela qual podemos começar a ver, podemos começar a construir futuros possíveis. Isso nos leva de volta à minha pergunta sobre por que as coisas são do jeito que são e como deveriam ser.

Se pudermos ensinar dessa forma, então isso nos orientará, e se os alunos aprenderem dessa forma isso nos levará a um futuro alternativo. Mas não é fácil o caminho de ir abaixo da superfície e descobrir que as coisas não são autoevidentes quanto poderíamos pensar, significa um desafio e, como men-

cionei antes, pode ser perigoso. Eu falei sobre isso em um conceito sobre o qual escrevi durante anos e que desenvolvi com meu colega Kevin Vinson, que chamamos de cidadania perigosa, e o objetivo dessa ideia é buscar comunicar aos alunos, aos estudantes e a outras pessoas, que quando você trabalha contra o *status quo*, quando você ensina contra a corrente, você está engajado em uma atividade perigosa, que é uma faca de dois gumes.

Quando você toma medidas contra as desigualdades sociais, você está desafiando, quando você age, vou colocar em um termo positivo, quando você age orientado para a justiça social, você é perigoso para o *status quo*. Mas as ações que você executa ao desafiar o *status quo* vão te colocar potencialmente em alguma forma de perigo, de algum modo prejudicial. Apenas brevemente, a ideia de cidadania perigosa, na verdade se compõe de apenas quatro premissas, basicamente. A democracia e o capitalismo - a democracia como governo do povo - e o capitalismo não são compatíveis, são incompatíveis, seus professores, currículo e educação têm sido submetidos a regimes políticos intensificados que atacam a liberdade acadêmica e desencorajam o pensamento crítico. A maioria das escolas são escolas capitalistas e têm como objetivo o controle social sobre os estudantes para que sejam obedientes, zelosos e úteis para os sistemas dominantes que existem.

A desobediência civil não é o nosso problema, nosso problema é que temos obediência civil demais, e temos que superar isso se quisermos transformar a educação e a sociedade. Então o desafio é descobrir que tipos de pedagogias que podemos empregar para apoiar a cidadania perigosa, e acho que esse tipo de ensino

exige a criação de oportunidades de aprendizado orientadas pelos alunos e seus interesses, suas experiências que provocam perguntas, experiências que trazem à tona múltiplas perspectivas e que incentivam o ceticismo, mas que também instiguem a conexão humana e o verdadeiro envolvimento com experiências significativas da vida cotidiana, significativas para as sensibilidades dos alunos, que também instiguem a comunicação e a mudança.

Eu realmente acredito que, se investigarmos uma questão social ou um problema social e trouxermos essa postura intelectual para essa investigação, nós contribuimos para o processo de mudança social. Portanto, ensinar para a cidadania perigosa realmente envolve identificar as premissas subjacentes que governam nossa vida cotidiana e nossas práticas cotidianas, fazer perguntas sobre essas premissas. E eu fui realmente inspirado por isso, Kevin Vinson e eu fomos muito inspirados por isso há alguns anos, quando começamos a ler sobre o anarquismo pós-esquerdista e começamos a analisar a pedagogia pública de artistas políticos, artistas performáticos, artistas visuais. Eu acho que essas fontes são meio "fora da caixa". Literatura pedagógica ou educacional pode servir como imaginários realmente poderosos para uma pedagogia política que descrevo como cidadania perigosa. Acabei de mencionar um par de exemplos sobre os quais eu li e se você estiver interessada provavelmente você pode encontrar algumas fontes sobre isso.

Eu realmente gosto da ideia de Hakim Bey de zonas autônomas temporárias e eu incentivo os professores a pensar em suas salas de aula como zonas autônomas temporárias onde a ideia é que você não tente liderar uma revolu-

ção e transformar todos os aspectos da sua sala de aula, mas procure os espaços onde tipos únicos e diferentes de experiências possam ser criados sem confrontar a autoridade. Há pequenas zonas de liberdade que brotam, zonas de liberdade para ensinar, liberdade para ampliar. Há um armazém de ideias que brotam. Vamos ter algumas salas de aula em que a liberdade brota, que é a minha ideia de trazer zonas autônomas temporárias para dentro das escolas. Fui muito influenciado e inspirado pelos situacionistas, Guy Debord e o grupo de situacionistas que estavam ativos nos anos 50, 60, e nos anos 70 Debord escreveu o livro Sociedade do espetáculo, e uma das estratégias que eles que eles desenvolveram foi chamada de *détournement*, que literalmente consistia em pegar uma obra de arte visual e então reconstruí-la, remixá-la, diríamos agora, e usá-la para enviar uma mensagem que é uma antítese da mensagem enviada pela obra de arte original ou, pelo menos, uma que remixa essa mensagem. Então, quais são os caminhos?

Uma das coisas que faço com meus alunos é dizer: vamos olhar os livros didáticos que vocês estão usando para ensinar o conteúdo e pensar quais são as maneiras que você pode realizar um *détournement* e usar o livro mas para ensinar para um resultado diferente daquele que foi a intenção no livro didático. Há montes de exemplos assim, e então há uma outra ideia que eu gosto é a ideia de Bertold Brecht a noção de efeito de estranhamento, que é um pouco mais difícil de explicar de modo rápido, mas basicamente o trabalho de Bertold Brecht no teatro desafiou a noção de audiência passiva, que era estimulada para... No teatro somos estimulados a nos relacionar com os personagens principais de uma trama da peça, e o que ele

queria o que ele chamava de teatro épico, ele queria romper com aquele papel passivo do público e envolvê-lo na narrativa, e eu penso que isso pode ser bem traduzido no ensino de História e Ciências Sociais porque nós temos essas narrativas que realmente encorajam os estudantes a pensar sobre os atores políticos naquela narrativa e se relacionar com eles. Mas como podemos interromper isso? Como podemos criar esse estranhamento da narrativa de uma forma que choque os alunos e os implique na narrativa, de modo que eles não possam ser receptores passivos, eles tenham de se ver implicados em qualquer que seja a narrativa, portanto, acho que usar a busca e criar condições nas quais os alunos possam desenvolver essas compreensões pessoalmente significativas do mundo, reconhecer que eles têm poder de ação e que podem fazer mudanças, esses são apenas alguns exemplos de caminhos que podemos seguir para conseguir isso.

Espero que isso faça algum sentido em relação a como podemos ajudar os alunos como podemos ajudar os alunos a projetar outros futuros possíveis e nós temos que criar... nós não podemos lhes dizer quais são os futuros possíveis. Bem, podemos, mas isso não será eficaz; eles precisam criar seus próprios futuros possíveis e isso precisa vir de uma experiência pessoal significativa, compreensões pessoais significativas que eles têm do mundo e acho que precisamos ter tolerância como professores para visões do futuro que não sejam um sinônimo das nossas e que quando houver conflito entre visões diferentes, esses são os pontos em que precisamos ter diálogo e discurso, e é aí que realmente começaremos a ver a construção de significados e futuros realmente possíveis nesses

diálogos. Desculpe pela resposta longa.

Maria Lima (M.L.): Não, não, professor, foi muito bom. Primeiramente, em nome de nossos membros e de nossos associados, gostaria de agradecê-lo por aceitar nosso convite para este momento, é uma honra tê-lo aqui conosco. Em seu livro "Rethink Social Studies", publicado em 2017, o senhor discorre sobre a importância em considerar o dia a dia das escolas, particularmente o dia a dia da sala de aula, como um elemento crucial para um ensino de história efetivamente transformador da realidade social. Como você estava discutindo nas outras perguntas O senhor também chama a atenção para a invisibilidade da sala de aula nas pesquisas em Estudos Sociais. Além disso, neste livro, o sr. apresenta uma questão interessante: Como ensinar mantendo nossos ideais em uma era caracterizada por um currículo fechado, sistemas de responsabilização e objetivos educacionais regidos pelas leis do mercado? O sr. poderia abordar de forma resumida essa questão para que possamos conhecer um pouco do conteúdo deste livro?

E.W.R.: Vou tentar. Desculpe, só uma questão... Vou só contar uma pequena história. Há muitos anos, quando eu estava lecionando em uma universidade em Nova York, tive uma aluna, bem, eu estava no final do semestre e os alunos tinham feito o estágio, voltaram e estávamos fazendo o relatório e uma das alunas, seu nome era Pam, fez uma pergunta sobre sua experiência, e ela disse: "Passei todos esses meses fazendo minha prática de ensino e vi todos esses professores, incluindo meus colegas, - e ela apontou para seus colegas - que disseram 'essas são minhas ideias, é isso que eu quero ser como professora', mas suas ideias não foram implementadas

na prática, e todos tinham uma desculpa de porque estavam ensinados do modo que estavam, e para desalinhamento entre o que eles disseram ser os seus objetivos e o que de fato fizeram. E ela disse, eu acho que os professores, eles todos dizem "vou ensinar do jeito que eu quero assim que tiver minha própria sala de aula" e, depois, quando conseguem sua sala de aula, dizem: "Bem, vou ensinar do jeito que quero ensinar quando tiver estabilidade e proteção no emprego" e ela disse que "a única coisa que eu posso imaginar é que, quando você tem sua própria sala de aula e consegue a estabilidade, é que você esquece por que queria ensinar". Esse é um ótimo exemplo, penso eu.

Eu mencionei que estudei Psicologia quando comecei a universidade e, na verdade, meu professor mentor em ensino de Estudos Sociais, cujo nome era Richard C. Phillips, ele era fantástico, ele não era um professor fantástico, mas era um pensador fantástico e um teórico fantástico, e ele realmente destacou para mim a importância do trabalho de um psicólogo social chamado Leon Festinger. Festinger desenvolveu a teoria da dissonância cognitiva e eu acho que o que Pam descreveu foi exatamente o que Festinger falou sobre dissonância cognitiva. Ele a descreveu como um distúrbio mental que as pessoas sentem quando suas crenças e suas ações são inconsistentes ou contraditórias, e isso acaba incentivando as pessoas a ou mudar suas crenças ou mudar suas ações para reduzir a dissonância, e acho que há muitos professores por aí, muitos professores universitários também, muitas pessoas em todas as esferas da vida que realmente têm crenças autênticas que são inconsistentes ou contraditórias com o contexto em que estão trabalhando, ensinando ou vivendo suas vidas. Uma

das coisas que eu falo muito com professores iniciantes, eu os ad- virto e digo: se você quiser manter seus ideais e continuar ensinando, isso é realmente importante, por- que se você não consegue manter seus ideais e continua a ensinar, você passa a experimentar a alie- nação, a alienação de si mesmo, a alienação de seu trabalho, de seus alunos, o que for, e a alienação não é algo que queremos promover. Não é algo que você queira viver.

Então eu digo a eles que as pesso- as usam todos esses tipos de es- tratégias sociais para lidar e lutar com situações no local de trabalho, e muitas delas optam por atender às demandas institucionais e ado- tam as crenças e as restrições das situações como se fosse quando você simplesmente diz "Você sabe que não dou conta, não sei mais o que fazer, eu só tenho que acei- tar o modo como as coisas são." Eu chamo isso de ajuste interna- lizado, que é como quando você tem essas crenças e valores de- salinhados ou contraditórios com o local de trabalho em que você está e diz: "Bem, vou resolver isso. Simplesmente abandonarei meus ideais e aceitarei os da instituição." Eu imploro aos meus alunos que não façam isso. Vocês vão se sentir pressionados de aprovação pela instituição, o desejo de aprovação pela instituição, o desejo de apro- vação dos seus colegas de traba- lho, seu diretor, os professores e a comunidade. Você precisa resistir a isso, porque a assimilação acrí- tica das crenças institucionais é realmente a ameaçadora e levará à insatisfação.

Portanto, o que eu incentivo as pessoas a fazer é isso, você pre- cisa se envolver no que descrevo como conformidade estratégica. Portanto, se você quiser manter seus ideais e continuar ensinando, antes de mais nada, precisa enten- der quais são seus ideais e nós tra-

balhamos muito com isso, sabe? Quais são as minhas crenças fun- damentais? Onde está, qual é a minha visão de mundo? Qual é a minha postura como professor? Você precisa ter clareza sobre isso e, em seguida, pensar se há lu- gares em que os seus ideais e as exigências o seu trabalho estão em contradição entre si, há maneir- as pelas quais você pode cumprir estrategicamente o que é exigido pela instituição, mas como você pode criar espaços em que possa cumprir os ideais que te motiva- ram a lecionar em primeiro lugar. E isso retorna para o que acabei de falar na questão anterior, a ideia de zonas autônomas temporárias.

Em particular, então o que você precisa fazer para trabalhar dentro do sistema, mas talvez sustentar uma postura de oposição a certos tipos de coisas que o sistema quer que você faça? Uma das coisas que digo aos meus alunos, eles não gostam de ouvir isso, mas eu lhes digo que é melhor assim, pois vou falar sobre minha experiência educacional na universidade. Um dos cursos que fiz para cumprir meu requisito de ciências foi As- tronomia, e, eu realmente gosto disso, então uso essa metáfora da astronomia com eles, digo a eles que é melhor ser como uma estre- la supermassiva do que uma estre- la anã branca, mas uma estrela supermassiva basicamente vive rápido, morre jovem e se detona em uma supernova, e uma estrela anã branca é uma estrela que cos- tumava ser quente, mas que ficou sem combustível e agora não tem a força massiva para criar uma re- ação de fusão, que são como es- telas anãs brancas, que já foram quentes e agora são frias, não têm energia, não têm combustível e estão apenas se movendo. Mas uma das coisas que aprendi é que muitos alunos não querem pensar em si mesmos como uma estre- la supermassiva detonante, mas

eu digo a eles que eu realmente acredito que, se para permanecer fiel a si mesmo isso for necessário, tudo bem.

Então talvez encontrar o contexto certo para ensinar ou talvez fazer como eu e se tornar um professor universitário, talvez esse seja um caminho a seguir também, mas há maneiras de trabalhar dentro do sistema. Agora não posso lhe dizer uma receita sobre isso, por- que isso requer conscientização, requer clareza política, requer organização e conexão social e organização com outras pessoas que compartilham mesmo obje- tivo, os mesmos ideais que você, para sobreviver. Agora, é claro que, em última análise, há um terceiro caminho a ser seguido, que é re- definição estratégica, esse terceiro caminho é como revolucionário, é uma revolução, é como transfor- mar a experiência escolar e, em última análise, é para lá que dever- íamos estar indo, mas acho que é difícil para as pessoas verem como as instituições de grande porte, como o setor de educação e as escolas públicas, como tudo isso pode ser transformado.

Por isso, tento incentivá-las a pen- sar em situações da vida cotidiana, a pensar as áreas que elas podem controlar e, se tivermos muitos professores envolvidos em con- formidade estratégica e se eles estiverem se organizando e tendo diálogos sobre os tipos de coisas que estamos fazendo, acho que estaremos em um caminho que poderia nos levar a uma redefini- ção estratégica dos propósitos e objetivos das escolas. E eu sei que é um truísmo, mas a ideia é: nun- ca duvide que um pequeno grupo de cidadãos engajados e atentos possa mudar o mundo. De fato, essa é a única coisa que já mudou o mundo! Agora eu sei que essa é uma ideia um pouco exagerada, mas acho que esse é o caminho

que temos que escolher se quisermos manter nossos ideais e ainda ensinar.

M.L.: Obrigado professor, concordo plenamente com você.

L.F.C.: Brasil estão em estágio avançado os projetos de militarização e privatização das escolas públicas em alguns estados. O que a experiência estadunidense, norte-americana tem a nos dizer para o enfrentamento dessa tendência?

E.W.R.: É um projeto enorme, que requer resistência, requer coragem para enfrentar. Acho que, para mim, pessoalmente, com base no que sei, que alguns dos melhores modelos de como confrontar tendências antidemocráticas nas escolas públicas, incluindo a privatização, militarização, as hegemonias invisíveis que são incorporadas às narrativas do currículo vêm do México, que a estirpe democrática dos professores no México, eu acho realmente mostraram como a resistência coletiva pode funcionar. Não que isso... não que os professores democratas no México tenham transformado esse sistema, mas eles demonstraram muita coragem. Particularmente, estou pensando no final dos anos 90 e em 2000, quando o quando o governo do México tomou medidas para destruir as escolas normais rurais que preparavam professores para lecionar nas áreas rurais, especialmente no sul do México. Mas na América do Norte essa é uma luta que vem ocorrendo à medida que as políticas educacionais neoliberais se desenvolvem, especialmente na América do Norte, a partir da presidência de Ronald Reagan, passando por Clinton nos anos 90 e também incluindo George Bush e a administração Obama, em particular. Todos eles, republicanos e democratas, produziram políticas educacionais que estavam totalmente ao lado do neoliberalismo. Vemos

a mesma coisa em termos de políticas mundiais com a OCDE, mas minhas próprias experiências pessoais na América do Norte, e não estou colocando-as como ideais, mas apenas como atividades em que estive envolvido, abrangem várias áreas diferentes.

Trabalhei e fui cofundador de um grupo chamado *The Rouge Forum* que era um grupo de base que incluía professores de História e Estudos Sociais professores de Alfabetização e de Educação Especial e nos organizamos. E não éramos um grupo supergrande, mas estávamos espalhados pelos Estados Unidos e Canadá e tentamos criar uma comunidade que se apoiava mutuamente em termos de políticas. O *Rouge Forum* incluía pessoas que eu descreveria como progressistas, bem como pessoas que eram influenciadas pelo marxismo, que tinham políticas marxistas ou comunistas, bem como pessoas que eram anarquistas de vários tipos. Portanto, o *Rouge Forum* foi único nesse sentido, e nos deu a oportunidade de ter uma conversa profunda, discussões profundas para ver onde podemos trabalhar juntos e também para ampliar nossos horizontes, um pouco em termos de ideologias e políticas com as quais estávamos comprometidos. Era muito participativo e de base.

Agora no Canadá, nas últimas duas décadas, estive envolvido em alguns grupos e organizações que parecem um pouco diferentes disso. Houve um que eu participei, estive envolvido na criação do Instituto de Educação Pública da Colúmbia Britânica, que funciona com um modelo de *think tank*, tenta reunir acadêmicos e líderes educacionais para fazer comentários sobre políticas, ações do governo e ações escolares, com base em uma perspectiva de pesquisa. Esse é um modelo muito diferen-

te do modelo de ativismo de base do *Rouge Forum* e o IPEBC, Institute for Public Education – British Columbia, tem sido bem-sucedido em ampliar o discurso sobre questões educacionais em nossa província da Colúmbia Britânica, que fica na costa oeste do Canadá, ao norte do estado americano de Washington. Uma terceira experiência que tive foi com um grupo chamado Instituto para Estudos de Educação Crítica e, basicamente, o que fizemos no Instituto para Estudos de Educação Crítica é um pouco diferente tanto do Fórum Rouge e do IPEBC pois patrocinamos duas revistas acadêmicas. Uma delas se chama *Critical Education*, que pode ser encontrada em criticaleducation.org, e a outra se chama *Workplace*, uma revista sobre o trabalho acadêmico, essas são duas revistas acadêmicas. A *Critical Education* está no índice Scopus. A revista *Workplace* é indexada em muitos lugares, não é indexada no Scopus, mas em muitos outros lugares. Em ambos os periódicos, o que estamos tentando fazer é criar espaço para pesquisas, ideias e práticas que talvez não sejam vistas como apropriadas em revistas mais convencionais.

Não estou dizendo que a *Critical Education* não é convencional, mas ela abrange uma ampla diversidade de pesquisas e ensino informados por ciências sociais críticas. Há um terceiro grupo que tenho me envolvido de forma menos centralizada é relativamente novo e se chama Intercâmbio de Educação Pública no Canadá aqui é conhecido como PEX, e o que o Intercâmbio de Educação Pública está fazendo é realmente tentar organizar a reação contra a privatização da educação pública em várias províncias, especialmente em Ontário, que é a maior província em população do Canadá e em Manitoba, que fica no Canadá central, e também em Alberta. O

PEX é relativamente novo, mas se você acessar o periódico *Critical Education*, verá que a edição atual é uma pesquisa que tem sido produzida por pessoas que fazem parte do Intercâmbio de Educação Pública e que estão pesquisando e analisando sobre a privatização no Canadá, analisando coisas como motivações ideológicas dos esquemas e privatização provincial, que é como vários governos provinciais estão introduzindo a privatização a partir de coisas como escolas charter, estilo EUA de escolas charter e outras formas. E, de modo muito importante, promovendo a resistência e colocando a narrativa para o movimento de resistência contra a privatização das escolas públicas.

Portanto, esses são os quatro exemplos que acho que valem a pena dar uma olhada em termos de como as pessoas estão confrontando as tendências de privatização. Já escrevi sobre o *Rouge Forum* com alguns de meus colegas e publicamos um artigo em uma revista chamada Revista de Estudos sobre Políticas Educacionais Críticas, que foi publicado na Inglaterra, há também um artigo no periódico sobre o *Rouge Forum* de alguns anos atrás que está na revista que eu mencionei a *Workplace*, que é sobre o trabalho acadêmico. Então escrevi sobre o ICES, que é o Instituto de Estudos sobre Educação Crítica e o Instituto de Educação Pública BC. Ambos têm seus próprios sites e você pode encontrá-los no Google.

M.L.: Obrigado, professor, e eu vou fazer a última pergunta e fiz algumas anotações aqui. Para finalizar, abemos da importância da articulação social e política dos pesquisadores da nossa área com outras entidades e e com a população em geral. você falou sobre o *Rouge Forum*, e vou te perguntar sobre isso novamente.

E.W.R.: OK, eu posso falar um pouquinho mais sobre isso. Ele tem uma história de origem interessante e o *Rouge Forum* começou em uma convenção, a maior convenção para professores de História e Ciências Sociais nos Estados Unidos, chamada Conselho Nacional de Estudos Sociais. Em 1994, um dos professores de Estudos Sociais que é da Califórnia, seu nome é Sam Diner, foi um dos presos na convenção por panfletar contra a militarização das escolas. Sua prisão foi instigada pela organização de professores, o Conselho Nacional de Estudos Sociais, ncss.org é o site deles. Sam também também era um pacifista e trabalhou para a liga de resistentes à guerra e o Comitê Central de Objetores de Consciência e havia um pequeno grupo de educadores de Estudos Sociais, inclusive eu, que se uniu em torno de Sam e o apoiou. Na verdade, o artigo que mencionei antes sobre o *Rouge Forum*, que foi publicado na *Workplace*, traz toda essa história. Na verdade, é uma história bastante interessante.

Criamos um grupo de emergência que tentou trabalhar a favor de Sam e tentou fazer com que o Conselho Nacional de Estudos Sociais retirasse as acusações e fizemos algumas outras exigências. Acabamos tendo uma reunião em Detroit, Michigan, nos Estados Unidos, na Universidade Estadual de Wayne, onde vários professores de Estudos Sociais foram discutir o que precisávamos fazer e talvez precisássemos desenvolver uma organização alternativa, e alguns educadores de alfabetização e alguns educadores especiais se juntaram a nós. Não tínhamos um nome para o grupo, mas o Fórum recebeu o nome de um rio que atravessa a cidade de Detroit, chamado de Rio Rouge, e você pode saber mais sobre isso acessando rougeforum.org, ou um dos nossos sites ou as conferências do Rouge

Fórum, rougeforumconferences.org, onde há um onde há um arquivo de muitas de nossas reuniões. Mas, de qualquer forma, nós reunimos esses grupos de alfabetizadores especiais, educadores de História e de Ciências Sociais e tivemos vários... fomos muito ativos em nível nacional com reuniões nacionais até 2017, 2018.

De certa forma, bem, eu vou segurar um pouco esse comentário, eu descreveria isso como um ativismo academicamente orientado e também como uma comunidade, então tentamos fazer os tipos de coisas para apoiar uns aos outros, em termos de nossa conformidade estratégica ou tentativas de resistência. Havia membros do grupo que se envolveram em ações diretas em vários tipos de conferências de professores, que eu chamaria de interrupção criativa da vida cotidiana, e também tomou medidas de ação direta em termos de manifestações e protestos contra várias políticas educacionais repressivas em diferentes estados, especialmente em Michigan, na Califórnia e em Nova York.

O *Rouge Forum* esteve muito envolvido na resistência aos testes de alto risco nos Estados Unidos, especialmente nas décadas de 90 e 2000, quando os estados estavam usando exames para avaliar, exames estaduais para a fazer julgamentos sobre as crianças e se elas poderiam ou não se formar ou passar de um nível ou série para outro. O movimento de testes de alto risco nos Estados Unidos foi um fator-chave, foi um foco do Rouge Fórum, não era o único foco, mas era um foco importante. Provavelmente realizamos mais de 30 reuniões ao longo dos anos, desde o final dos anos 90 até aproximadamente 2017, 2018. E nós publicamos um fanzine, tipo uma revista que se chamava "The

Rouge Forum News" e que distribuíamos através das nossas redes, e também fazíamos coisas como dar painéis e *workshops* em congressos de professores, organizávamos para ir a uma conferência de História ou Ciências Sociais a nível estadual, conferência de professores de Estudos Sociais e basicamente fazíamos um *workshop*. Muitas vezes isso era descrito em termos da sua intenção de apoiar e encorajar a resistência aos testes de alto risco, por isso trabalhámos numa espécie de modo subversivo, atuamos estrategicamente em muitas maneiras, fazendo o que era necessário para entrar em programas em nível estadual e até mesmo em conferências nacionais. Nós pressionamos nossas próprias organizações profissionais a adotar posicionamentos, declarações sobre políticas ou resoluções contra os testes de alto risco, bem como contra a guerra, posições antiguerra e antimilitares que estão atuando dentro dos Estudos Sociais, grupos de alfabetização e de educação especial para tentar fazer frente a essas organizações para as levar a tomar posições so-

bre testes e privatização e militarização das escolas, particularmente nos Estados Unidos.

O *Rouge Forum* nunca foi realmente organizado como um grupo formal, tínhamos um comitê de direção e basicamente financiamos as nossas atividades com base em recursos pessoais, doações pessoais dos membros do comitê de direção e utilizando as fotocopiadoras das escolas e das Universidades para criar o nosso próprio fanzine, meio que por baixo dos panos. Então, o *Rouge Forum* poderia ter usado uma liderança mais alinhada do que a que tivemos em termos de organização do grupo, mas penso que tivemos um grande impacto, incluindo a apresentação, a certa altura, de um presidente do maior grupo de investigação em de pesquisa educacional nos Estados que é a Associação Americana de Pesquisa Educacional e, em 2000 ou 2001, nós fizemos um *workshop* e um painel na convenção da AERA que foi aprovado pelo presidente da organização, pelo que penso que tivemos um profundo sucesso nos níveis locais na tentativa de afetar

o discurso particularmente em torno dos testes de alto risco.

Eu pessoalmente publiquei provavelmente perto de uma centena de cartas ou artigos de opinião para jornais nos Estados Unidos ou revistas profissionais que eram sobre o trabalho do *Rouge Forum* ou em torno das questões que o Fórum estava a trabalhar, por isso esta é uma amostra de do que era o Fórum era uma espécie de "organização não organizacional" que trazia muitos princípios anarquistas para o jogo, que estava tentando perturbar o discurso normal, tomando ações diretas, mas fazendo isso frequentemente a partir da ativação de conhecimento que tínhamos como académicos sobre o impacto da privatização das escolas ou o impacto dos testes de alto risco na aprendizagem dos alunos. Acho que ao dar uma olhada em alguns dos artigos que escrevemos sobre o *Rouge Forum* pode ser informativo e útil em termos de pensar em maneiras de organizar a resistência à militarização e à privatização das escolas no Brasil e em outros lugares.